

Policiais contra policiais

Érica Montenegro
Da equipe do **Correio**

Cenário: cruzamento da avenida Hélio Prates — uma das mais movimentadas de Taguatinga — com a avenida que passa em frente à QNH 1. Personagens: dois policiais militares e três policiais civis. Roteiro: um dos PMs pára viatura descaracterizada da Polícia Civil e exige os documentos do motorista. O agente não se identifica e arranca o carro. O PM dispara quatro tiros. Horário: 11h25, quando o sol estava a pino. Não era encenação.

O novo capítulo das desavenças entre as corporações responsáveis pela segurança da população do Distrito Federal (leia memória) poderia ter resultado em tragédia. Na esquina onde o enredo da vida real se desenvolveu funcionam uma revendedora de automóveis e uma igreja protestante. Quem estava na rua naquele momento se escondeu atrás dos carros, com medo de balas perdidas. “Pensei que a PM estava perseguindo bandidos”, espanta-se o representante comercial Maurício Zanardes, 35 anos. Maurício jogou o carro que dirigia sobre um canteiro para se livrar da confusão.

O autor dos disparos, o policial militar Jeancyr Ribeiro da Cunha, 32 anos, contou em depoimento ao delegado plantonista Yuri Pereira Fernandes, da 17ª Delegacia de Polícia, que cumpria seu dever ao exigir que o motorista do Santana branco se identificasse. O carro foi parado porque o agente José Edison Brandão, 36 anos, dirigia falando ao celular.

O soldado Cunha afirmou ainda que a abordagem era rotineira e que, como o motorista do Santana acelerou, foi obrigado a atirar. Duas balas acertaram a lanterna direita do carro, outra não foi encontrada e a última ficou entre a calota e o pneu esquerdo do Santana. Cunha foi impedido por seus superiores de dar entrevista ao **Correio Braziliense**. O cabo José Nilton do Nascimento,

31 anos, que o acompanhava, também não deu entrevistas.

O agente Brandão, que é chefe da Seção de Investigações da 17ª DP, estava no carro com os colegas Wesley Antônio Ferreira Bonfim, 29 anos, e Francisco Janivan Teixeira de Oliveira, 27. Segundo Edison, Bonfim apresentou a carteira policial. Ele diz que o *rotolight* (sirene) foi colocado no teto do Santana quando os agentes perceberam que seriam abordados. “Achei que a identificação, o *rotolight* e o rádio eram suficientes para convencê-los de que também éramos policiais”, explica Brandão.

PORTAS FECHADAS

Assim que soube do incidente, o coronel Ismael da Silva Aguiar, comandante do 2º Batalhão de Policiamento, ao qual pertence o soldado Cunha, rumou para a 17ª Delegacia de Polícia. Aguiar teve uma conversa a portas fechadas com o chefe dos agentes, o delegado Mauro Machado. Na saída, declarou que não há desavenças entre as corporações e que tudo não passou de um mal entendido. Ele afirmou que será instaurado inquérito policial militar para apurar a ocorrência. “Os excessos serão responsabilizados”, garantiu. Procedimento semelhante será adotado pela Corregedoria da Polícia Civil, para avaliar os atos dos policiais civis.

Também foi instaurado inquérito na 17ª DP, para que os envolvidos respondam criminalmente. O PM poderá ser indiciado por abuso de autoridade, por ter efetuado disparos em via pública ou por ter colocado em perigo a vida e a saúde de outras pessoas. Já os policiais civis podem responder por desacato à autoridade ou desobediência à ordem. “Temos o dever de ser isentos em relação aos nossos homens e aos PMs”, garantiu o delegado Yuri Pereira Fernandes. O inquérito deve ficar pronto em 40 dias.

■ COLABOROU FABÍOLA GÓIS

Sérgio Amaral



O PM JEANCYR RIBEIRO (D) DISSE QUE ESTAVA CUMPRINDO O SEU DEVER: AS DUAS POLÍCIAS ABRIRAM INQUÉRITOS

MEMÓRIA

Conflitos envolvem PMs e civis

JANEIRO DE 2002

Os agentes da Polícia Civil Christian Araújo Alvin, 27 anos, e Luís Eduardo Barcelos, 33, foram acusados de atirar contra três viaturas da PM. Duas jovens que freqüentavam uma boate no Pier 21 chamaram os militares depois de se sentirem ameaçadas pelos agentes. Houve perseguição na Avenida das Nações. Os agentes foram presos e liberados após pagamento de fiança. O episódio provocou desentendimentos entre o corregedor-geral da PM, coronel Lobo Rodri-

gues, e um delegado. O atrito quase resultou na prisão do coronel por desobediência a uma intimação do delegado Carlos Alberto da Silva.

SETEMBRO DE 2001

Oitenta PMs invadiram a delegacia de Samambaia para libertar o cabo Herbert Santos Rodrigues, detido por desacato à autoridade. Ao sair, deram vários tiros para o alto. Os invasores pertenciam à Companhia de Policiamento Rodoviário e aos batalhões de Ceilândia, Taguatinga e Samambaia, onde Hebert trabalhava. Na época, apenas um tenente e três praças da PM foram afastados.

MAIO DE 2001

O soldado José Wilson de Lima foi detido por bater em um

homem. Vinte PMs cercaram a delegacia em apoio a José Wilson, que quebrou o vidro da DP e chegou a ser retirado do local sem autorização. O soldado foi indiciado por lesão corporal e dano ao patrimônio público.

MARÇO DE 2001

Policiais militares enfrentaram policiais civis na delegacia do Recanto das Emas. Os PMs defendiam o soldado Luiz Carlos de Souza, flagrado fazendo transporte pirata. Ao ser parado pelos fiscais do Departamento Metropolitano de Transportes Urbanos (DMTU), o soldado avançou semáforos e só parou quando foi cercado. Motoristas piratas e PMs foram então à 27ª DP pressionar os investigadores.